

Transição da lógica à filosofia real em Hegel

Transition from logic to real philosophy in Hegel

Agemir Bavaresco

Pontifícia Universidade Católica – PUC-RS – Brasil
abavaresco@puccrs.br

Danilo Vaz-Curado R. M. Costa

Universidade Católica de Pernambuco – Unicap – Brasil
danilo@unicap.br

Resumo: Hegel retoma, nos últimos dois parágrafos do capítulo sobre a Ideia Absoluta da *Ciência da Lógica*, mais uma vez, a relação entre Ideia, Método e Conceito com a finalidade de realizar a transição da Lógica para a Filosofia real, começando pela Natureza e terminando no Espírito. Assim, compõe-se o silogismo enciclopédico: Lógica-Natureza-Espírito. Como Hegel articula a Ideia com o Conceito, ou seja, qual é o papel do conceito na explicitação da Ideia absoluta? Como e por que a Ideia exterioriza-se na Natureza? Conforme o silogismo enciclopédico – Lógico, Natureza, Espírito –, a Lógica é uma rede semântica que se concretiza na Natureza e no Espírito.

Palavras-Chave: Hegel. Lógica. Silogismo.

Abstract: *Hegel in the last two paragraphs of the chapter on the Absolute Idea of the Science of Logic takes up again the relationship between Idea, Concept and method in order to accomplish the transition from Logic to real philosophy, starting in Nature and ending in Spirit. Thus is composed encyclopedic syllogism: Logic-Nature-Spirit. How does Hegel link idea with concept, that is, what is the role of concept in the explanation of the absolute Idea? How and why is idea externalized in Nature? According to the encyclopedic syllogism – Logic, Nature, Spirit – Logic is a semantic network which is materialized in Nature and Spirit.*

Keywords: *Hegel. Logic. Syllogism.*

Introdução

A filosofia hegeliana vem recebendo nas últimas décadas um renovado impulso de exegese acerca de seus problemas fundamentais, como a política, a ética, seu conceito de metafísica, suas reflexões acerca do fenômeno religioso, etc. Referido impulso, deve-se, em grande medida a renovada recepção que os estudos hegelianos recebem por parte dos autores da assim chamada filosofia não-continental. Em tal

perspectiva se inserem aqueles pensadores da assim chamada filosofia analítica, o pragmatismo, a escola de Cambridge, o desconstrucionismo entre outros.

O que une estas tão diversas filosofias ou escolas filosóficas, ou o que elas possuem em comum é o fato de relerem o hegelianismo à luz de um princípio hermenêutico singular. Tal princípio se reduz a assumir na exegese hegeliana *blocos de significação*, sem necessariamente precisar assumir o *todo da reflexão* ou todas as deduções a que dita reflexão se propõe.

No presente texto, assume-se com estas tradições a premissa de refletir acerca de um bloco de significação, o qual, já se fixa como sendo o da *Ideia absoluta* [*Die absolute Idee*] constante no terceiro capítulo, da terceira seção do livro da *Doutrina do Conceito da Ciência da Lógica* [*Wissenschaft der Logik*], tendo por objeto a explicitação da transição da *Lógica à Natureza*, para atingir o objetivo de apresentar como desde a perspectiva deste bloco de significação pode se expor a natureza mesma da reflexão e do papel da filosofia no projeto hegeliano.

Para atingir o objetivo proposto de esclarecer o núcleo duro da compreensão hegeliana de filosofia desde a análise da *Ideia absoluta* e a proposta de ampliação [*Erweiterung*] no seio do discurso filosófico de uma objetualidade pura (aquela da lógica) para uma objetualidade real (aquela da natureza), serão analisados as noções de método, de conceito e de ideia, tal como elas são, apenas, desenvolvidas na *Ideia absoluta*.

Ainda com o propósito de esclarecimento das questões filosóficas em apreço se utilizará, em alguma medida, mas sem exclusividade hermenêutica das contribuições de Ellis McTaggart, importante filósofo britânico, professor de Bertrand Russell, e renovador da filosofia idealista no Reino Unido.

Espera-se, ao final, após explicitar o objetivo à luz do objeto, apresentar como a filosofia em Hegel é uma explicitação filosófica da realidade à luz de uma conceitualidade não redutível aos clássicos dualismos de *razão x natureza*, *lógica x empiria*, *representação x inferência*, entre os muitos dualismos, ainda presentes na filosofia da atualidade.

1 A Ideia absoluta na WL¹

Na estruturação das determinações primeiras da reflexão hegeliana encontra-se a tese de fundo de que sua *Lógica* desenvolve-se como uma verdadeira e própria metafísica. Assumida tal premissa, Hegel desenvolve o discurso expositivo de sua *WL* como a apresentação, exposição e demonstração da capacidade das determinações lógicas determinarem não apenas o espaço lógico, mas de, e em alguma medida, apresentarem e exporem as determinações mais universais da natureza, a qual Hegel também chama de *real*.

Esta tese da unicidade entre as determinações puras, a priori, da *Lógica* e das condicionantes empírico-perceptivas da natureza, real, provoca as maiores dificuldades para a *Hegel-Forschung* porque, em alguma medida, deve-se assumir que em Hegel se pretende pela *WL* descrever um tipo específico de metadiscurso

1 Todas as vezes que no presente trabalho se fizer referência a *Ciência da Lógica* de Hegel se utilizará facultativamente a sigla *WL* e se referirá a edição alemã da Suhrkamp, edição das obras completas de Hegel, na qual a *WL*, que contém a *Ideia Absoluta* é a do volume [Band] de número 6 (seis).

filosófico tanto necessário, como aquele da lógica, como englobando a contingência, tal como deve ser aquele da natureza.

Esta pretensão da *Lógica* hegeliana de ser reciprocamente discurso do necessário e do possível, atinge seu clímax com a Ideia absoluta, a qual na expressão hegeliana assim se faz entender:

A Ideia absoluta, tal como se resulta, é a identidade da ideia teórica e da ideia prática, cada uma delas ainda para si unilaterais, tem em si [in sich] a ideia mesma não apenas como para além buscado e como uma meta inalcançável, posto que cada uma é uma *Síntese do Esforço*, a qual reciprocamente tem e não tem a ideia em si [in sich] e que transita de um a outro, porém ambos os pensamentos permanecem não reconciliados, mas em permanente contradição. (HEGEL, 1969, p. 547-548).²

A estrutura da argumentação hegeliana da Ideia absoluta aponta para uma divisão em dois momentos: conclusão e início. Conclui-se que a *WL* com a Ideia Absoluta atinge seu ciclo consumando a exposição das categorias que fundam, organizam e orientam nossa compreensão do mundo pela conclusão entre a dinâmica de produção face àquela da explicitação.

Com a unidade de teórico e prático da Ideia absoluta,³ Hegel postula haver superado o déficit explicativo da filosofia clássica alemã que cindia o pensamento em dois níveis irreconciliáveis, aquele da forma das proposições face àquela do conteúdo das proposições, aquele da conceitualidade do real face àquela do real enquanto práxis.

Pensar em Hegel é, como em Fichte, um estado de ação [*Tathandlung*] e enquanto tal, todo pensar é agir, operar e transformar. Pensar e refletir um único conceito que seja será na compreensão hegeliana, pensar e refletir agindo mediante toda a rede conceitual de modo que a atividade do pensar – sua ação – é atualização, correção e transformação da rede conceitual que lhe suporta.

Todavia, se tal conclusão já emerge com um caudal de dificuldade a serem resolvidas como por exemplo aquele das proposições sem referência, o problema da não espacialidade habitual das proposições, aquele dos diversos mundos possíveis,⁴ uma outra série de dificuldade coloca-se ao Hegel postular que com a Ideia Absoluta não apenas consuma-se a tarefa da *Lógica*, em si [*in sich*], mas inicia-se a tarefa do *Lógico* no seu ser-outro, a natureza ou o real.

Nesta segunda perspectiva é que se coloca a reflexão acerca da transição [*Übergeben*] da lógica a natureza, ou dito em outros termos da *conceitualidade*

2 Die absolute Idee, wie sie sich ergeben hat, ist die Identität der theoretischen und der praktischen, welche jede für sich noch einseitig, die Idee selbst nur als ein gesuchtes Jenseits und unerreichtes Ziel in sich hat, – jede.

3 Hegel afirma, peremptoriamente, que a Ideia absoluta é o único objeto e conteúdo da filosofia. Sie ist der einzige Gegenstand und Inhalt der Philosophie.

4 Aqui deve ficar claro que não se está fazendo uma crítica a Hegel a partir de problemas contemporâneos, mas de problemas de sua época como aqueles postos por Reinhold, Jacobi, Fichte Leibniz entre outros.

à *expressividade*, como central não apenas para uma compreensão *ad intra* ao hegelianismo, em particular, mas de suma importância para a filosofia em geral.

A tese forte que se coloca com a *WL* no estágio da *Ideia Absoluta* é a de que o *lógico* contém como um dos seus modos (i) a *natureza imediata* (a natureza tal como a chamamos no senso comum) e (ii) a *natureza mediata* (aquilo que Hegel designa como Espírito, por lhe faltar, à época, termo melhor), e estes modos ou maneiras, enquanto particularizações da universalidade do *lógico*,⁵ devem ser capazes de demonstrar a necessidade na possibilidade, o em termos hegelianos, o *lógico* na *natureza*, ou em termos meramente formais, o particular deve expressar em alguma medida uma ou algumas notas comuns à universalidade da qual ele originou-se.

E esta é a tensão presente na transição da Lógica à Natureza em Hegel, a qual se anuncia, ainda de forma imediata nos primeiros momentos da *Ideia Absoluta* da *WL*, nos seguintes termos:

[a] ideia lógica é a ideia mesma na sua pura essência, tanto como identidade simples encerrada em seu conceito, como quando ainda não adentrou no *Aparecer* numa determinidade da forma. (HEGEL, 1969, p. 549).⁶

Hegel anuncia claramente na passagem supra que a ideia absoluta é meramente um enunciado lógico quando não se exteriorizou-se num dos modos de expressão da lógica no mundo, sua dicção natural e/ou espiritual. Esta necessidade de demonstração da co-extensividade entre as determinações lógicas e as determinações naturais, repousa na convicção hegeliana de que se a lógica estrutura a linguagem e esta é quem permite o enunciar seja da própria, seja da natureza, aquilo que lhes é próprio a ambos os discursos (lógico e natural) deve-lhes ser comum, num sentido amplo e que não se reduz a linguagem que os enuncia, mas à própria lógica que lhes é subjacente. Assim, Hegel conecta tanto a Lógica enquanto Metafísica, como a Linguagem lógica enquanto tipo de comunicação especificamente filosófica de discurso.

A Ideia absoluta tomada na perspectiva de ideia lógica, enquanto identidade enclausurada em seu conceito, e a ideia que não *apareceu*, ou seja, é a pura essência que não experimentou-se como efetiva essência. Para Hegel toda determinação *pura* é aquela determinação de tipo especificamente lógico sem referência ao real, e as determinações lógicas efetivas são aquelas que se expressaram em sua logicidade na exterioridade do real.

2 A transição da Lógica à natureza

Assim, viu-se que a Ideia absoluta para efetivar seu dado ou sua nota absoluta, deve se realizar na realidade, deve vivenciar não a prova teórica, mas a prova prática a

5 Aqui impõe-se afirmar a distinção entre o lógico [*Das Logisch*], enquanto universal ativo, e a lógica [*Die Logik*] enquanto estrutura categorial do lógico.

6 Die logische Idee ist sie selbst in ihrem reinen Wesen, wie sie in einfacher Identität in ihren Begriff eingeschlossen und in das *Scheinen* in einer Formbestimmtheit noch nicht eingetreten ist.

que as determinações lógicas devem ser submetidas, tal passagem do *ser necessário*, específico da lógica, ao *ser possível*, próprio do real, deverá ser realizada não como uma simples demonstração, mas como uma demonstração absoluta.

Nesta perspectiva, a transição ou a ampliação da *Lógica* à *natureza* ou *realidade*, deverá demonstrar não que o necessário é possível na possibilidade, mas que o necessário é necessário no possível, e a complexidade ainda é maior que a primeira vista pode-se mostrar. Hegel assume que o necessário é necessário no possível, porém sem com isso eclipsar a liberdade, e o eclipse não ocorre porque Hegel avalia as determinações naturais numa lógica de tipo causalista, mas as determinações espirituais ele demonstra a insuficiência de um exame causal.⁷

A compreensão desta ampliação ou transição da *Lógica* à *Natureza* exposta como necessidade do *lógico* fazer-se *expressar*, possuir vida exterior, ter determinações contingentes que revelem a estrita dependência entre o saber e o querer, entendido o *saber* como a determinação propriamente teórico e o querer a dependência especificamente prática,⁸ exige a compreensão do *método* que conduz a estas conclusões, ou melhor dito, do método que permite deduzir tais assertivas tão caras a tradição filosófica.

Hegel declara que o método não é um conjunto de procedimentos exteriores ao objeto a que se destina, nem tampouco é o método uma disciplina filosófica específica, mas o que é próprio ao *método* e sua identidade com a filosofia, *método* se identifica com filosofia, entendida esta na linguagem hegeliana como *conceito*. Todavia, conceito e método possuem especificidades e não significam em toda sua extensionalidade a mesma coisa, há um amplo campo de distinções entre estas noções.

O método é o conceito averiguado como objetividade e o conceito é a unidade subjetiva, pois ativa, entre a objetividade do saber e o próprio saber que se constitui enquanto conhece como saber que sabe. Hegel ao tematizar estas questões utiliza o exemplo do homem como extremo, premissa verdadeira e universal, tendo como conclusão o objeto e como termo médio o saber enquanto instrumento, o método.

Todavia, no ato mesmo de exemplificar Hegel adverte para a necessidade de compreender o exemplo dentro de sua finalidade pedagógica aproximativa, pois tal exemplo ainda apela para o separar e distinguir, próprios do método do entendimento que significa a realidade por afirmação da cisão e das oposições.

Ao estabelecer indicativos formais de que o *método* não se restringe ao modo e as formas que se podem utilizar para conhecer algo ou alguma coisa, Hegel pronuncia-se acerca da identidade entre o meio que conduz ao saber e o próprio saber, afirmando que

7 Pelos limites metodológicos estabelecidos pelo texto, limitando-se a transição da lógica à natureza mas não enfrentando a conversão da natureza em lógica, deixaremos de tematizar como Hegel soluciona a aporia necessitarista que parece se impor. Mas que apenas parece e por parecer não é efetiva no projeto hegeliano.

8 Pensa-se aqui na tese hegeliana do conceito e da Ideia enquanto unidade do teórico e do prático, do saber e do querer, da vida e do conhecimento.

[isto, que portanto constitui o método, são as determinações do conceito ele mesmo e suas relações, as quais, agora são consideradas em seu significado como determinações do método. (HEGEL, 1969, p. 552).⁹

Declarando que método e conceito possuem uma homologia estrutural, mas não uma sinonímia pragmática, pois o método explicita a cientificidade do conceito, mas este não explicita o método, mas se explicita por aquele; Hegel conduz a identificar o método com o percurso do pensar rumo a sua própria autoexplicitação, quase identificando o método com a filosofia e o conceito com o filosofar.

Parece-nos, sem dúvida, que Hegel identifica o método com o progresso do pensar e do próprio filosofar, o que nos faz necessariamente remeter a *ENZ*, onde Hegel afirma que “[...] a progressão inteira da filosofia [...] não é outra coisa que simplesmente o *colocar* [explícito] daquilo que já está contido em um conceito.”¹⁰ E a tarefa do fazer colocar é a atividade própria do método.

Facultado pela natureza do método que se têm indicado, a Ciência se apresenta como um círculo voltado sobre si mesmo, que no começo, ontem o fundamento simples, e a mediação enrosca-se no fim; por isto, é este círculo um *Círculo dos círculos*; em que cada membro particular, enquanto animado pelo método, é a reflexão em-si, que retorna ao começo e é igualmente o começo de um novo membro. As ciências particulares são fragmentos desta cadeia e cada uma delas possui um *antes* e um *depois* ou, dito igualmente, somente tem um *antes* e em sua conclusão mesma é que possui o seu *depois*. (HEGEL, 1969, p. 570-571).¹¹

Ao identificar pelo método a lógica e o conceito, enquanto formalmente e imediatamente o mesmo, o *Ser imediato*, o discurso lógico reabre duas novas perspectivas: (i) refazer o percurso lógico assumindo a exterioridade das determinações lógicas e deduzindo-as não como exteriores à lógica mas como determinações ainda irrefletidas demonstrando a necessidade da *Lógica* mediante o *Lógico*, ou (ii) assumir a exterioridade das determinações lógicas na própria exterioridade e demonstrar o lógico em seu ser-outro na natureza.

9 No original: Das, was die Methode hiermit ausmacht, sind die Bestimmungen des Begriffes selbst und deren Beziehungen, die in der Bedeutung als Bestimmungen der Methode nun zu betrachten sind.

10 Enz, § 88 Anm 1, p. 188. No original: [...] wie überhaupt der ganze Fortgang des Philosophieren als methodischer, d.h. als *notwendiger* nichts anderes ist als bloss das *Setzen* desjenigen, was in einem Begriffe schon enthalten ist.

11 Vermöge der aufgezeigten Natur der Methode stellt sich die Wissenschaft als ein in sich geschlungener *Kreis* dar, in dessen Anfang, den einfachen Grund, die Vermittlung das Ende zurückschlingt; dabei ist dieser Kreis ein *Kreis von Kreisen*; denn jedes einzelne Glied, als Beseeltes der Methode, ist die Reflexion-in-sich, die, indem sie in den Anfang 6/571 zurückkehrt, zugleich der Anfang eines neuen Gliedes ist. Bruchstücke dieser Kette sind die einzelnen Wissenschaften, deren jede ein *Vor* und ein *Nach* hat oder, genauer gesprochen, nur das *Vor* *bat* und in ihrem Schlusse selbst ihr *Nach* *zeigt*.

Hegel assume a segunda via, sem negar a necessidade de refazer a primeira,¹² e começa a transição ou ampliação da *Lógica* à *Natureza*. Aqui, é imperioso fazer uma advertência terminológica, pois ao propor uma transição da lógica à natureza, Hegel era cômico de estar fazendo um novo começo.

Ao propor a *passagem ou transição*, Hegel utiliza o verbo *Übergeben* que poderíamos traduzir por transitar ou passar e que significa o movimento de reativação do operador da negação pela sua afirmação numa determinação ulterior. Nega-se o lógico para afirmá-lo no empírico, tal operador implica a determinação negada, seja reafirmada, porém com uma alteração [*Veränderung*], que a inclui no âmbito lógico transitado e a distingue, neste mesmo espaço lógico das determinações lógicas mais próximas, seja progressiva ou retroativamente.

Assim, transitar da Lógica à Natureza é assumir o discurso do *Ser*, da imediatidade e da indeterminidade e seus macro-operadores da *qualidade, quantidade e medida* como metacategoriais que de modo basal orientarão a dicção dos conceitos do *Ser natural*, em sua imediação e indeterminação e de seus macro-operadores da *mecânica, da física* e da *física orgânica*.

Esta perspectiva assumida pela *WL* e também posta na *Lógica* da *ENZ* pode com alguma segurança fazer-nos concluir que Hegel deduz as categorias da natureza de modo *a priori* das determinações lógicas da *WL*, tal perspectiva conduz a conclusão decorrente de que o dado e a contingência por aparecerem e se mostrarem aos sentidos *parecem* [*Schein*] primeiros no tempo, mas não possuem prioridade lógica pois as determinações da *ciência* da natureza ou da *filosofia* da natureza, termos para Hegel sinônimos pois como para Aristóteles todo saber que possui um fundamento é ciência ou filosofia.

Por ser deduzida *a priori* diversos comentadores da Hegel-Forschung aduzem que “para Hegel a diferença entre a física moderna e a filosofia da natureza é apenas categorial” (SCHNÄLDELBACH, 2011, p. 102), de modo que em ambos os casos se explica a diferença recorrendo a diferença entre razão e entendimento. Ou nas palavras de Schnädelbach “A filosofia da natureza hegeliana é portanto a consideração pensante da natureza a luz da *Ciência da Lógica*” (Ibidem).

Pela própria natureza da transição, que remete o princípio a produzir seus efeitos num campo semântico diverso do seu originário, Hegel já assume de partida uma distinção entre uma *teoria da ciência natural* e a sua *filosofia da natureza*, pois toda a filosofia da natureza deve refletir sobre o fundamento e os princípios da natureza e não apenas sobre a regularidade ou assintematicidade de seus efeitos e dos nexos que lhe constituem.

Para a transição proposta por Hegel, a *Lógica* possui os princípios *a priori* com os quais se aborda o objeto da ciência da *natureza* e esta é estudada na filosofia da natureza hegeliana à luz da elucidação e explicitação de seus pressupostos ontológicos como uma verdadeira metateoria da ciência.¹³

12 Hegel, ao morrer, estava re-elaborando a *WL*, tendo terminado quando de sua morte apenas o livro da Doutrina do Ser, deixando por fazer a Doutrina da Essência e a Doutrina do Conceito.

13 Expressão cunhada por Dieter Wandschneider in *Filosofia della Natura di Hegel*, p. 223.

3 As diversas recepções da transição lógico-real na Hegel-Forschung

A transição da Lógica para a filosofia da natureza dada a complexidade que ela abarca, especialmente aquela da estruturação a priori das condições de compreensão e apreensão do real, se fez compreendida por diferentes leituras. Para fins didáticos, e dadas as limitações de um artigo se resumirá, ditas leituras, em *estrutural* e *silogística*. Na leitura estrutural compreende-se que a *transição* ou *ampliação* da lógica à natureza dá-se como movimento de determinação causalista da lógica no real.

No plano representativo busca determinar como o movimento em que o absoluto efetiva-se na contingência e como contingência mediante relações diretas de *causa-efeito*, ou seja, a essência pura na diferença e como diferença. É um processo imanente que se diferencia, ou seja, trata-se da identidade da identidade e da diferença.

Nesta perspectiva, o conceito como sujeito na estrutura total do sistema conjuga a relação entre Lógica e Ciências reais, de modo que a *Lógica* causa a *Natureza*, como um movimento de paralelismo do tipo em que se desenvolve na Natureza (Ser), na Lógica (Essência) e no Espírito (Conceito).

Essa relação estrutural da ampliação da Lógica à natureza explícita, ao mesmo tempo, a estrutura binária e ternária da lógica. Binária porque a *WL* divide-se em Lógica Objetiva e Lógica Subjetiva e esta primeira encontra-se compreendida pela segunda.

Nesta perspectiva estrutural o momento lógico da Essência corresponderia a Natureza, e nesta estrutura binária é apresentada pelo processo de reflexão sem espessura própria, ou seja, intemporal e utópica. “Pois a Lógica no sistema, assim como a Essência na Lógica, ocupa apenas a posição intemporal e utópica que é aquela de todo meio termo, porque ela está sempre presente nos extremos que ela pressupõe.” (LABARRIÈRE; GWENDOLINE, 1981, nota 101, p. 392).

Uma outra corrente interpretativa da transição da Lógica à natureza, a compreende em termos de implicação lógica e não de causalidade estrita. Em tal leitura silogística, a Lógica é o momento Universal do conceito que se particulariza na Natureza e retorna a si no Espírito como singularidade. Este movimento da Ideia é uma mediação conceitual apreendida especulativamente como uma rede de inferências que Hegel descreve nas três esferas do silogismo do sistema: Lógica (conceito universal que se identifica interiormente em todos os seus conceitos no ato de pensar); Natureza (conceito particular que se diferencia exteriorizando-se em todos os domínios da natureza apreendidos pelo ato de pensar); enfim, o Espírito (conceito singular que reúne em si como identidade lógica a diferença da natureza no processo da consciência explicitada na história da humanidade).

Nesta perspectiva a ampliação da Lógica à Natureza seria uma ampliação semântica, pois as determinações *a priori* da Lógica ampliaram seus conteúdos veritativos de modo a poder explicitar ontologias regionais mais amplas que aquelas das proposições consideradas em si mesmas.

4 Transição como método?

Para a compreensão da transição e do problema do método não se pode perder de perspectiva que para Hegel o *método* se identifica com o *conceito*. Hegel afirma que

apenas o *conceito é livre* e usa sete vezes o termo liberdade, na Ideia absoluta, em suas mais diversas variações (liberação absoluta, abandona livremente, simplesmente livre, existência livre, consumada sua libertação).

Esta insistência terminológica dos usos da liberdade parece-nos que quer acentuar o argumento lógico como mediador do conceito de Natureza em dois sentidos: a) a Natureza como exterioridade espacial e temporal, ou seja, Natureza sem subjetividade. Nesta perspectiva a Natureza é apreendida pela consciência como sendo a objetividade exterior, e o método não se identificaria com a transição. Trata-se de uma relação fenomenológica como é descrita na *Fenomenologia do Espírito*: a relação da superação da contradição entre sujeito-objeto, ou consciência-objeto. E, num segundo sentido, a Natureza como conceito científico apreendido pelo movimento do método dialético, o qual, explicita todo o movimento lógico-especulativo das teorias científicas na *Filosofia da Natureza* (v.g., espaço e tempo; gravitação; sistema solar), e que, parece-nos, identifica método e transição.

Assumindo, com Hegel, que o fim da Lógica é a plenitude da Ideia, e que esta é a liberdade de apreender no conceito o duplo conceito da Natureza, como natureza apreendida *a priori*, filosofia da natureza, e como natureza apreendida *a posteriori* teoria ou ciência da natureza, têm-se que a liberdade é coextensiva ao problema metodológico da transição. Daí, a insistência de Hegel no ato livre, ou seja, na ação autônoma do sujeito pensante. Nesse modelo lógico, não há déficit, mas plenitude de potência para a liberdade sempre aberta a novas realidades da Natureza e do Espírito.

Para auxiliar o discernimento filosófica acerca da possibilidade ou não da transição a ser adotada como o método pode ser melhor avaliada se compreendida como Hegel entende a natureza, nos exatos termos do § 247 da Enz, onde afirma que

[a] natureza mostrou-se como a ideia na forma do ser-outro. Visto que a *ideia* é assim como o negativo dela mesma ou *exterior a si*, assim a natureza não é exterior apenas relativamente a esta ideia (e ante a existência subjetiva da mesa, o espírito), mas a *exterioridade* constitui a determinação na qual ela está como natureza.

Pelo exposto, pode-se inferir que o método contém como momento seu a transição, como a elevação dos conceitos e a suprassunção, não parecendo razoável a postulação contrária do método como redutível ou exprimível numa das suas formas na transição.

5 As aporias oriundas da transição da Lógica à natureza

Pensar a transição da Lógica à Natureza em Hegel suscita uma série de questões internas a economia do próprio sistema hegeliano como: É a perspectiva hegeliana uma intromissão da subjetividade ordenando a objetividade natural ou esta de fato possui uma ordem conceitual *a priori*? Ou mesmo, sendo uma ordem previamente ordenada, não seria uma mera passagem a transição entre a Lógica e a Natureza e não propriamente uma alienação no ser-outro, já que definida estava desde a eternidade determinada transição?

Muitas questões internas podem ser suscitadas, assim como uma questão externa ao hegelianismo mas interna a filosofia, em geral, também se faz suscitar: há lugar para uma filosofia da natureza em nossa época? Esta pergunta permanecerá em aberto, mas todavia o discurso desenvolvido no presente texto, a partir de Hegel, auxilia na compreensão.

Para auxiliar a reflexão da relação central presente neste artigo, aquela da transição da lógica ao real, utilizaremos as reflexões de McTaggart, importante filósofo inglês, que renovou os estudos hegelianos no Reino Unido.

McTaggart,¹⁴ analisa a questão da transição da lógica para o real como um problema metodológico, ou seja, de conciliar duas exigências do pensamento hegeliano: a relação do puro pensamento e a experiência.

Assume McTaggart com Hegel que o processo de apreensão dos objetos do conhecimento filosófico começa pela experiência, porém, afirma que é a forma de apreender os objetos que diferencia a filosofia, pois ela toma em relação ao seu ponto de partida uma atitude de negação, face aos demais sistemas de apreensão e compreensão da experiência.

McTaggart compara o ato de pensar ao ato de comer os alimentos, isto é, ao assimilar o objeto, pois neste processo o ato transforma-o, na sua imediatidade, em um novo objeto mediado pelo pensamento. O pensamento exige a mediação dos sentidos, porém, em sentido estrito deles não depende. O pensamento não é efeito dos dados sensíveis, mas eles coexistem no processo dialético do conhecimento.¹⁵

Para McTaggart o método dialético desenvolve-se como movimento do pensamento puro tendo em sua presença a matéria da intuição. Ou seja, o pensamento funciona pela mediação de um dado imediato que é recebido diretamente pelos sentidos. Porém, aduz ainda o idealista britânico que é preciso compreender essa unidade dialética entre pensamento e sensação, ou seja, entre ideia e ser, não como era entendida por Jacobi, de modo a um *Unmittelbares Wissen* (saber imediato) ou a intuição imediata ou direta dos objetos, que alcançava a unidade imediata entre o ser e o pensamento.

Na perspectiva que McTaggart assume Hegel, este compreende a intuição no sentido kantiano de *Anschauung*, que implica a representação imediata de um objeto sensível. Porém, esse saber imediato gerado pela intuição sensível precisa da mediação para alcançar o conceito do objeto. Trata-se, de fato, da experiência do conhecimento que Hegel explica através do exemplo da planta.

O conceito da planta compreende vários juízos: A semente contém o elemento ativo, ou seja, a categoria do ser; a terra, o ar e a água são condições exteriores; a planta em sua maturidade é a Ideia absoluta. Esta Ideia de vida orgânica é apreendida como um conceito composto de muitos juízos que é a dialética da experiência do conhecimento.

Para McTaggart, a dialética hegeliana tem dois aspectos: A dialética parte do ser imediato como observação de um dado fático, de uma matéria. Depois, ela será o juízo aplicado na categoria do ser, passando pelos diferentes níveis de mediação como uma atividade do conceito.

14 Para esta parte nos apoiaremos no artigo de John Ellis McTaggart.

15 Cf. McTAGGART, 2013, p. 317.

Os dois momentos são unidos tanto na experiência como no conceito. Embora o conceito seja, logicamente, anterior ao movimento dialético e o conceito do ser abstrato é anterior no tempo, ou seja, o todo da ideia precede a experiência das partes do ser. O pensamento é, ao mesmo tempo, analítico e sintético. Ele será *analítico*, remontando os graus de abstração até a Ideia de ser puro (Da *Fenomenologia à Lógica*) e, depois, reconstruindo o objeto conceitual até ele coincidir novamente com a realidade (Da *Lógica* à transição da *Filosofia Real*). E o pensamento dialético será *sintético*, enquanto desenvolvimento do conceito puro na *Lógica*.¹⁶

Aduz ainda McTaggart que a dialética é um movimento do pensamento puro, apenas possível “na presença de uma matéria dada na intuição”, pois, “mesmo na *Lógica*, Hegel nunca pretendeu que ele tivesse alcançado o pensamento puro, abstração feita de todo o dado experimental.”¹⁷ McTaggart insiste que Hegel não separa o pensamento do imediato, pois, “todo pensamento concebível apenas o é por mediação, e não se pode admitir sem contradição em termos, que ele existe à parte de um dado imediato sobre o qual ele pudesse atuar.”¹⁸

Para a compreensão de McTaggart a Ideia Absoluta ou o pensamento não é autossuficiente, pois, a Ideia Absoluta necessita da ideia de vida e da ideia de conhecimento para alcançar a sua unidade. Essa unidade não é, porém, uma autorreferencialidade, pois “a Ideia Absoluta é realizada quando o sujeito pensante vê no mundo a realização da mesma ideia,”¹⁹ ou seja, o pensamento, ao torna-se imediato, requer um objeto dado do exterior. Assim como as categorias da *Lógica* exigem uma implicação mútua, da mesma forma a Ideia Absoluta não é autossuficiente. Por isso, ela está em relação com a Natureza e o Espírito.

Ao tratar especificamente da transição da lógica a natureza, McTaggart aduz que o Espírito enquanto é o fim do processo dialético é também o seu fundamento lógico, “e o progresso que se opera da Ideia à Natureza e da Natureza ao Espírito apresenta um aspecto analítico, tanto quanto um aspecto sintético.”²⁰ Porque é no resultado que se conhece, explicitamente, o fundamento, embora este permaneça presente em todo o processo dialético.

McTaggart opõe-se assim àqueles que atribuem à “dialética um valor ontológico, no sentido que ele [Hegel] teria pretendido deduzir todos os dados da experiência apenas da natureza do pensamento puro”, pois, para Hegel “a dedução, não depende exclusivamente de suas premissas, mas também de sua conclusão, que desde o início deve estar implicitamente presente.”²¹

À guisa de conclusão

O potencial hermenêutico da lógica hegeliana ainda não foi devidamente explorado, não obstante esta capacidade produtiva de significados presente na *WZ*,

16 Idem, p. 320.

17 Idem, p. 321.

18 Idem, p. 321.

19 Idem, p. 323.

20 Idem, p. 327.

21 Idem, p. 332.

a explicitação da *transição da lógica à natureza*, demonstrou quão árdua é a tarefa de aproximação não meramente exegético-instrutiva do pensamento hegeliano, tal dificuldade se coloca por dois macro-elementos, (i) a explicitação sistemática dos conceitos em Hegel e a tendência a expô-los em rede, (ii) associada a uma linguagem específica do hegelianismo, quase como um idioma do Idealismo objetivo.

Todavia, superados estes elementos obstaculizadores, impõe-se concluir que a transição da lógica a natureza implica assumir duas ordens do discurso como estruturantes na lógica hegeliana. Uma primeira de natureza ascendente que explicita os conceitos lógicos numa gênese autoprodutiva, ou seja, os conceitos são deduzidos uns dos outros, e uma segunda ordem, que se fez explicitar a partir da análise da transição propriamente considerada, a qual, impõe assumir os conceitos não são mais deduzidos uns dos outros mas são expressivamente estruturados uns em face dos outros.

Nesta segunda perspectiva, a transição da lógica à natureza impõe-se a ordem dos conceitos à ordem das coisas, sem que com isso se deseje adequar as coisas ao pensar, pois o que se pretende, em síntese é explicitar os princípios que orientam as coisas em face do pensar, de modo que o primeiro real pode revelar-se como o último lógico. Nesta perspectiva, o hegelianismo abre-se como projeto de tradução conceitual da realidade no qual sentido e ação são indissociáveis, mas não subsumíveis.

Referências

BIARD, J. *et alli*. *Introduction à la lecture de la Science de la logique de Hegel*. Paris: Ed. Aubier, 1985.

HEGEL, G.W.F. *Werke in 20 Bänden*. Frankfurt: Suhrkamp Verlag, 1970.

_____. *Die Wissenschaft der Logik*. Frankfurt: Suhrkamp Verlag, 1969.

_____. *Die objektive Logik*. B. 5, Frankfurt: Suhrkamp Verlag, 1969.

_____. *Zweites Buch. (Die Lehre vom Wesen bis Die subjektive Logik)* B.6, Frankfurt: Suhrkamp Verlag, 1969.

_____. *Enzyklopädie der philosophischen Wissenschaften im Grundrisse – Erster Teil*. Die Wissenschaft der Logik. B. 8, Frankfurt: Suhrkamp Verlag, 1986.

_____. *Die Philosophie des Geistes*. Dritter Teil, B. 10, Frankfurt: Suhrkamp Verlag, 1969.

_____. *Ciência da lógica*. Seleção e tradução: Marco Aurélio Werle. São Paulo: Barcarolla, 2011.

HOGEMANN, Friedrich. *L'idée absolue dans la Science de la Logique de Hegel*. In: *Hegel – l'esprit absolu*. Théodore Geraets (ed.). Ottawa: Editions de l'Université d'Ottawa, 1984, p. 109-126.

KOCH, Anton Friedrich *et alli*. *Der Begriff als die Wahrheit: Zum Anspruch der Hegelschen Subjektiven Logik*. Paderborn: Ferdinand Schöningh, 2003.

KRONER, Richard. *Von Kant bis Hegel*. Tübingen: J.C.B. Mohr (Paul Siebeck), 1961 [Zwei Bände in einem Band].

LABARRIÈRE, P.-J.; GWENDOLINE, Jarczyk. L'idée absolue. In: *Science de la logique*. Paris: Aubier, 1981, p. 367-394.

LEONARD, André. *Commentaire littéral de la logique de Hegel*. Paris/Louven: Vrin, 1974.

MCTAGGART, John Ellis. Do verdadeiro sentido da dialética de Hegel. Tradução de Danilo Vaz Curado Ribeiro de Menezes Costa. In: *Problemata: Revista Internacional de Filosofia*, vol. 04, nº 01. p. 315-333, 2013. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.7443/problemata.v4i1.15966>. Acesso em 24 de agosto de 2014.

MARMASSE, Gilles. *Penser le réel: Hegel, la nature et l'esprit*. Paris: Editions Kimé, 2008.

SCHNÄLDELBACH, Herbert. *Georg Wilhelm Friedrich Hegel zur Einführung*. Hamburg: Ed. Junius, 2011.

WANDSCHNEIDER, Dieter. Spazio, tempo e relatività nella prospettiva della Filosofia della natura di Hegel. Estratto da *Studi Filosofici*, vii. Napoles: Bibliopolis, 1984, p.221-236.

Endereço/ Address

Prof. Dr. Agemir Bavaresco
Avenida Ipiranga, 6681 - Prédio 5, sala 608.
90619-900 – Porto Alegre – RS

Prof. Dr. Danilo Vaz-Curado R. M. Costa
Universidade Católica de Pernambuco
Rua do Príncipe, 526
50050-900 – Boa Vista – Recife – PE

Data de envio: 07-04-14

Data de aprovação: 04-05-14

